

COURO IMPERIAL



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Anne McClintock

# Couro imperial

RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE  
NO EMBATE COLONIAL

TRADUÇÃO

*Plinio Dentzien*

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

M132c McClintock, 1954-

Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial / Anne McClintock;  
tradução: Plínio Dentzien. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Comportamento sexual – Grã-Bretanha – Colônias – História. 2. Relações ho-  
mem–mulher – Grã-Bretanha – História – Séc. XIX. 3. Papel sexual – Grã-Bretanha  
– Colônias – História. 4. Grã-Bretanha – Colônias – Relações raciais. I.Título.

ISBN 978-85-268-0893-5

CDD 301.41  
301.451

---

Título Original: *Imperial Leather: race, gender and sexuality in the colonial context*

Copyright © 1995 by Routledge, Inc.

Todos os direitos reservados.

Tradução autorizada da edição em língua inglesa publicada por Routledge,  
parte do Taylor & Francis Group LLC

Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

2ª reimpressão, 2021

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade da autora e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

## *Gêneros & Feminismos*

Voltada para a divulgação de obras importantes da história do feminismo e de estudos de gênero, a coleção *Gêneros & Feminismos* tem por objetivo ser uma fonte de referência para os pesquisadores dessa área em nosso país.



*Para Rob e Valerie*



## Agradecimentos

AO ESCREVER este livro, acumulei várias dívidas. Quero primeiro agradecer aos meus amigos por seu apoio incondicional e pelas inspirações. Eles são muitos para serem nomeados aqui, mas sabem quem são, e agradeço a todos.

Muitas pessoas foram generosas ao dedicarem tempo para ler, editar ou discutir partes deste manuscrito de várias maneiras: Kwame Anthony Appiah, Nancy Armstrong, Adam Ashforth, Homi Bhabha, John Bird, Elleke Boehmer, Jerry Broughton, Carol Boyce-Davies, Neville Choonoo, Clara Connolly, Laura Chrisman, David Damrosch, Jean Franco, Henry Lewis Gates, Liz Gunner, Catherine Hall, Stuart Hall, Janet Hart, Kathleen Hill, Clifford Hill, Rachel Holmes, Quadri Ismail, Cora Kaplan, David Kastan, Dominic LaCapra, Neil Lazarus, David Lloyd, Melinda Mash, Aamir Mufti, Benita Parry, Ken Parker, Mary Louise Pratt, Bruce Robbins, George Robertson, Ellen Rooney, Trish Rosen, Andrew Ross, Lynne Segal, Ella Shohat, George Stade, Bob Stam, Michael Sprinker, Michael Taussig, Robert von Halberg, Penny von Eschen, Cheryl Walker, Cornel West e Patrick Williams. Agradeço a todos.

Estou profundamente agradecida a todos os meus amigos em Columbia, especialmente a Marcellus Blount, Ann Douglas, Jean Howard,

Priscilla Wald e a Gauri Viswanathan, cujas risadas, solidariedade e vibração intelectual foram mais importantes do que posso expressar. Um agradecimento especial a Edward Said, por sua mistura inspiradora de engajamento acadêmico e político, e também a Zaineb Istrabadi, por sua amizade e apoio. Estou também profundamente grata a Michael Seidel, por seu apoio e encorajamento, e um obrigada muito especial a Joy Hayton, por sua gentileza, sanidade e pela ajuda incansável ao longo dos anos.

Meus alunos em Columbia, muitos dos quais agora são bons amigos, tornaram o ensino uma experiência inspiradora e inesquecível. Não exagero o valor de sua capacidade intelectual e de seu entusiasmo. Um afetuosos apreço também para Bill Dellinger, Evelyn Garcia, Nigel Gibson e Jon Roth, por sua ajuda e bom humor, ao me socorrerem administrativamente em incontáveis ocasiões.

Durante os anos magros, quando Columbia era um lugar pouco hospitaleiro para mulheres, o Instituto de Pesquisa sobre Mulher e Gênero apoiou uma comunidade muito amiga e viva. Tenho uma dívida especial com Miranda Pollard e Martha Howell, por sua sabedoria e tenacidade em criarem um fórum indispensável para o envolvimento e o apoio intelectuais. George Bond e Marcia Wright, no Instituto de Estudos Africanos, também criaram uma comunidade valiosa e fico imensamente grata a eles por seu apoio ao longo dos anos.

Minha editora, Cecilia Cancellaro, foi uma companheira de trabalho excelente. Sua inteligência sem jaça e seu entusiasmo são enormemente apreciados. Stewart Cauley e Matthew DeBord, Maura Burnett e Claudia Gorelick pacientemente encaminharam um manuscrito errático até os seus estágios finais e não se queixaram de uma série de mudanças de última hora. Minha editora de texto, Connie Oehring, heroicamente organizou uma horda de notas desregradadas e as tornou dóceis, e o trabalho meticuloso de Jerry Broughton com a leitura de provas me salvou num momento particularmente crítico. Sua amizade e a de Rachel Holmes me apoiaram quando eu mais precisava. O projeto inovador de Leslie Sharpe e Hermann Feldhaus acrescentou uma forte dimensão gráfica ao livro, e a capa provocativa de Tom Zimmer ofereceu um resumo de todo o meu projeto.

Este livro não poderia ter sido concluído sem a valiosa contribuição do SSRC–MacArthur International Peace and Security Program. Estou enormemente grata ao estímulo, à bolsa e à comunidade intelectual aos quais tive acesso através de seu generoso apoio financeiro.

Todos no Institute of Commonwealth Studies tornaram minha estada em Londres inesquecível e produtiva. Um agradecimento especial a Shula Marks, por sua inspiração intelectual e generosidade. Encontrei poucas pessoas com tal capacidade de juntar uma percepção aguda com uma generosidade e carinho pessoal tão grandes. Meu agradecimento carinhoso também para Joan Rofe, por seu bom humor e bondade; e também para David Blake, Irene Ammah e Rowena Kochanowska por seu apoio. Tenho também uma dívida com o grupo de leitura sobre nacionalismo e gênero do ICS, cujas discussões e ideias me ajudaram muito.

Um agradecimento especial ao African National Congress por sua gentileza em tornar disponível o logo da Liga das Mulheres do CNA. Robert Opie foi muito generoso ao me dar acesso à sua maravilhosa coleção de propaganda no Museum of Advertising and Packaging, em Gloucester; estou muito grata a ele pela gentileza. Estou também muito grata a Ronald Milne e ao Master e Fellows do Trinity College, Cambridge, por me permitirem o acesso ao incrível arquivo de Arthur Munby. Agradeço também a John Botia e a Gary Collins por me facilitarem o acesso aos anúncios de A. e F. Pears Ltd., dos Unilever Historical Archives. Gostaria também de reconhecer a ajuda indispensável das bibliotecárias e da equipe fotográfica da British Library e do British Museum; agradeço por sua paciência, engenho e proficiência. Os bibliotecários da Biblioteca da University of London, do Public Record Office e da Columbia University deram informações e ajuda valiosas. Sou também grata a Shuter e Shooter, National e Pers, *Die Burger* e *The Guardian*, por sua ajuda com as fotografias. Quero finalmente manifestar meus mais sinceros agradecimentos a Gerald Ackerman, por seus esforços e por sua generosidade em tornar disponível a imagem de capa, e também a Deborah Lorenzen, do Museu de Arte de Indianápolis.

Trechos deste livro apareceram antes sob várias formas na Série Escritores Ingleses e Escritores Europeus (Scribners); em Patrick Williams e

Laura Chrisman (orgs.), *Colonial Discourse/Post-Colonial Theory* (Londres: Harvester Wheatsheaf, 1993); em Francis Baker, Peter Hulme e Margaret Iverson (orgs.), *Essays in Colonial and Post-Colonial Theory* (Manchester: Manchester University Press, 1993); em George Robertson et al. (orgs.), *Traveler's Tales* (Londres: Routledge, 1994); em *Feminist Review*, 44 (Verão, 1993); em *New Formations* (Primavera, 1993); em *Transition*, 54, 1991; em *Social Text*, 25, 26, 1990; em Dominic LaCapra (org.), *The Bounds of Race* (Ithaca: Cornell University Press, 1991); em Cherryl Walker (org.), *Women and Gender in Southern Africa* (Cape Town: David Philip, 1990); em Reginald Gibbons (org.), *Writers From South Africa. Culture, Politics and Literary Theory in South Africa Today* (Chicago: Northwestern University Press, 1989); em *Critical Inquiry*, março, 1987; em Robert von Halberg (org.), *Poetry and Politics* (Chicago: University of Chicago Press, 1988); em *Social Text*, Primavera, 1992; em *South Atlantic Quarterly*, Inverno, 1988, vol. 87 (1). Agradeço a todos os editores e a todas as equipes envolvidas. Sou particularmente grata a Henry Finder e a Scott Malcomson, não apenas por suas notáveis habilidades na editoração, mas também por sua valiosa amizade. Calorosos agradecimentos também ao Social Text Collective.

Ao completar este livro, tenho uma dívida de gratidão especial com Valerie Phillips, curadora e amiga. Finalmente, e acima de tudo, não há palavras para expressar a profundidade de minha admiração, gratidão e amor por Rob.

# Sumário

Introdução	
Pós-colonialismo e o anjo do progresso .....	15

## PARTE 1

### O IMPÉRIO DO LAR

1. A situação da terra — Genealogias do imperialismo .....	43
2. “Massa” e as criadas — Poder e desejo na metrópole imperial.....	123
3. Couro imperial — Raça, travestismo e o culto da domesticidade.....	201
4. Psicanálise, raça e fetichismo feminino .....	271

## PARTE 2

### ENGANOS MÚTUOS

5. O império do sabonete — Racismo mercantil e propaganda imperial.....	307
6. A família branca do homem — O discurso colonial e a reinvenção do patriarcado .....	341
7. Olive Schreiner — Os limites do feminismo colonial.....	377

## PARTE 3

### O DESMANTELAMENTO DA CASA DO SENHOR

8. O escândalo da hibridez — A resistência das negras e a ambiguidade narrativa .....	433
--	-----

9. “ <i>Azikwekwa</i> ” (não vamos embarcar) — Resistência cultural nas décadas desesperadas .....	479
10. Adeus ao paraíso futuro — Nacionalismo, gênero e raça.....	517
Pós-escrito	
O anjo do progresso.....	569
Lista de ilustrações .....	577
Índice.....	583

# Introdução

## Pós-colonialismo e o anjo do progresso

Há muitos mapas de um lugar  
e muitas histórias de um tempo.

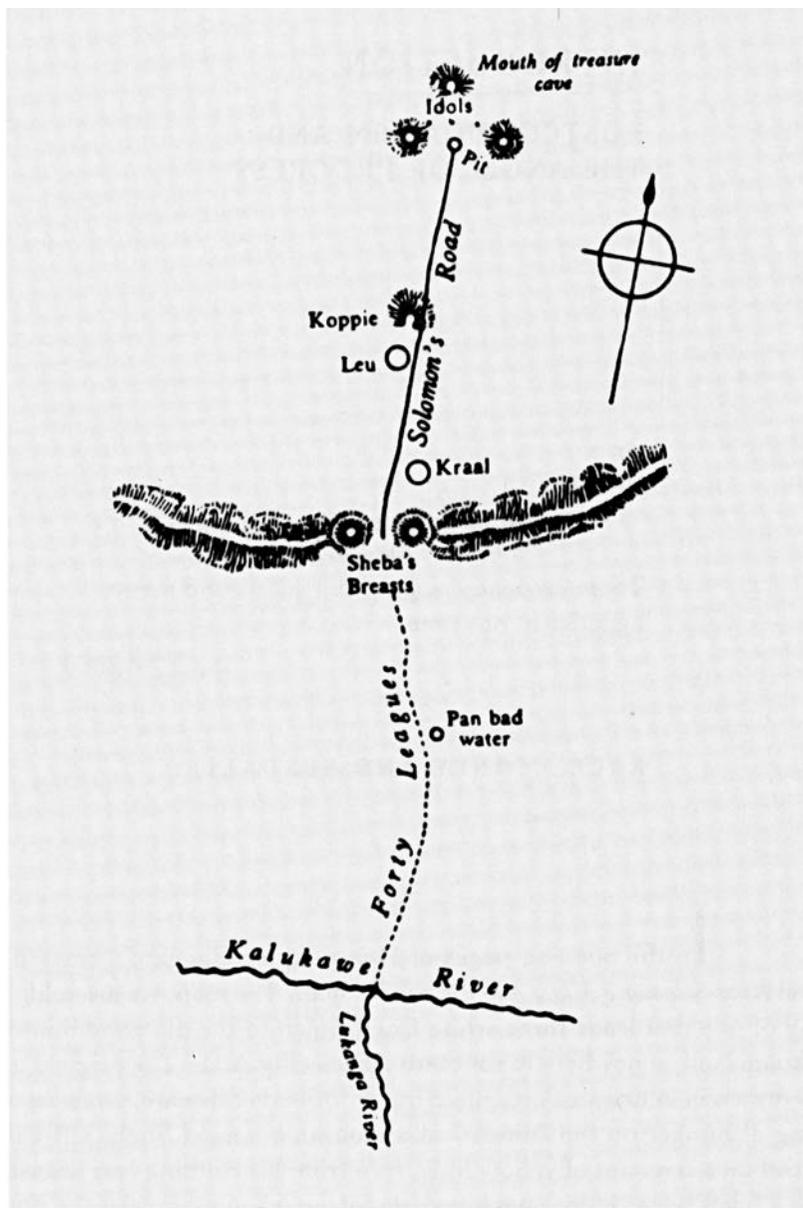
Julie Frederiekse

### RAÇA, DINHEIRO E SEXUALIDADE

NAS PÁGINAS iniciais do *best-seller* de Henry Rider Haggard, *King Solomon's Mines* [As minas do rei Salomão], descobrimos um mapa. O mapa, é o que nos dizem, é uma cópia de outro que leva três ingleses brancos às minas de diamante de Kukuaneland, em algum lugar do sul da África (Figura 1A)<sup>1</sup>. O mapa original foi desenhado em 1590 por um mercador português, José da Silvestre, quando estava morrendo de fome no “seio” de uma montanha chamada Seios de Sheba. Riscado nos restos de um linho amarelo arrancado de sua roupa e inscrito com uma “lasca de osso” alimentada do próprio sangue do mercador, o mapa de Silvestre promete revelar a riqueza da câmara do tesouro de Salomão, mas leva com ele a tarefa obrigatória de antes matar a “mãe-bruxa”, Gagool.

Dessa forma, o mapa de Haggard junta em miniatura três dos temas dominantes do imperialismo ocidental: a transmissão do poder masculino branco através do controle das mulheres colonizadas; o surgimento de uma nova ordem global de conhecimento cultural; e o comando imperial do capital mercantil — três dos temas que circulam neste livro.

1. Henry Rider Haggard, *King Solomon's Mines* (Londres: Dent, 1885).



*Figura 1A – A situação da terra.  
Esboço do mapa da rota para as minas do rei Salomão.*

O que distingue o mapa de Haggard dos vários outros que ornaram as narrativas coloniais é que ele é explicitamente sexual. A terra, que é também a fêmea, é literalmente mapeada em fluidos corporais masculinos, e a fálca lasca de osso de Silvestre se torna o órgão através do qual ele lega o patrimônio do capital excedente a seus herdeiros brancos, investindo-os da autoridade e poder adequados aos guardiões do sagrado tesouro. Ao mesmo tempo, a herança colonial masculina tem lugar dentro de uma troca necessária. A morte de Silvestre no mau (congelado) seio é vingada, e a herança patrilinear branca é assegurada apenas com a morte de Gagool, a “mãe, velha mãe” e “gênio do mal da terra”<sup>2</sup>. O mapa de Haggard, assim, alude a uma ordem oculta subjacente à modernidade industrial: a conquista da força sexual e de trabalho das mulheres colonizadas.

O mapa também revela um paradoxo. De um lado, é um trecho esboçado do campo que os homens brancos devem atravessar para assegurar as riquezas das minas de diamantes. De outro, se o mapa for invertido, revela de uma vez o diagrama do corpo feminino. O corpo está esticado e truncado — as únicas partes desenhadas são as que denotam a sexualidade feminina. Na narrativa, os viajantes cruzam o corpo a partir do sul, começando perto da cabeça, representada pela “poça de água ruim” encolhida — a sintaxe mutilada exibindo o lugar da inteligência e da criatividade femininas como sendo o da degeneração. No centro do mapa, estão os dois picos de montanhas chamados de Seios de Sheba — dos quais as cordilheiras se estendem para os dois lados como braços sem mãos. O comprimento do corpo está inscrito pelo reto caminho real da Estrada de Salomão, levando do limiar dos seios congelados até o umbigo *koppie* direto como uma seta ao monte púbico. Na narrativa, esse monte é chamado de “Três Bruxas” e figurado por um triângulo de colinas cobertas de “escuras urzes”<sup>3</sup>. Esse escuro triângulo ao mesmo tempo aponta para as entradas de duas passagens proibidas e as ocultas: a “boca da caverna do tesouro” — a entrada vaginal à qual os

2. Idem, op. cit., pp. 74, 84.

3. Idem, op. cit., p. 118.

homens são levados pela mãe negra, Gagool — e atrás dela a fossa anal da qual eventualmente os homens se arrastarão com os diamantes, num ritual de nascimento masculino que deixa morta a mãe negra, Gagool.

No mapa, os genitais femininos são chamados de Três Bruxas. Se as Três Bruxas assinalam a presença de forças femininas alternativas e de noções africanas alternativas de tempo e de conhecimento, Haggard se defende da ameaça de uma força feminina e africana resistente, não só dispondo violentamente da poderosa figura de mãe na narrativa, mas também colocando ao lado das Três Bruxas no mapa os quatro pontos cardeais: ícone da “razão” ocidental, da agressão técnica do ocidente e da posse masculina e militarizada da terra. O logo da bússola reproduz a figura espalhada da mulher marcada pelos eixos da contenção global.

Na escalada da mina, carregados com diamantes do tamanho de “ovos de pombas”, os brancos ingleses dão à luz três ordens — a ordem *reprodutiva* masculina da monogamia patriarcal; a ordem *econômica* branca do capital minerador; e a ordem *política* global do império. Ao mesmo tempo, tanto o mapa como a narrativa revelam que essas três ordens não são distintas, mas assumem forma íntima na relação entre elas. Dessa maneira, a aventura do capital minerador reinventa o patriarcado branco — na específica forma de classe inglesa do gentil homem de alta classe média — como herdeiro do “Progresso” imperial na chefia da “Família do Homem” — uma família que não admite a mãe.

O mapa de Haggard abstrai o corpo feminino como uma geometria da sexualidade capturada sob a tecnologia da forma imperial. Mas também revela uma curiosa *camera obscura*, pois nenhuma leitura do mapa está completa em si mesma: cada uma revela a sombria inversão representada por seu outro lado reprimido. Se nos alinharmos com a autoridade masculina da página impressa, com os pontos da bússola colonial e com os rótulos sangrentos, o mapa pode ser lido e o tesouro alcançado, mas a mulher colonizada está de cabeça para baixo. Se, ao contrário, invertemos o livro e pusermos em pé o corpo da mulher, as palavras sangrentas em seu corpo — de fato a aventura colonial como um todo — se tornam incoerentes. No entanto, nenhuma versão existe sem a outra. *Couro imperial* se propõe a explorar essa ligação perigosa e contraditória

entre a força imperial e a anti-imperial; entre dinheiro e sexualidade; entre violência e desejo; entre trabalho e resistência.

## GÊNERO, RAÇA E CLASSE

### Categorias articuladas

Passou-se um tempo até que percebemos que o nosso lugar era a própria casa da diferença, e não a segurança de qualquer diferença particular.

Audre Lorde

Começo com o mapa de Haggard porque ele oferece uma fantástica combinação dos temas de gênero, raça e classe, que são as preocupações que circulam neste livro. *Couro imperial* oferece três críticas relacionadas. Sob muitos aspectos, o livro é uma disputa continuada com o projeto do imperialismo, o culto da domesticidade e a invenção do progresso industrial. O mapa de Haggard me intriga, ademais, porque oferece uma parábola em miniatura para um dos princípios centrais deste livro. Nos capítulos que se seguem, argumento que raça, gênero e classe não são distintos reinos da experiência, que existem em esplêndido isolamento entre si; nem podem ser simplesmente encaixados retrospectivamente como peças de um *Lego*. Não, eles existem *em* relação entre si e *através* dessa relação — ainda que de modos contraditórios e em conflito. Nesse sentido é o tema triangular que anima os capítulos que se seguem: as relações íntimas entre a força imperial e a resistência; entre o dinheiro e a sexualidade; entre raça e gênero.

No mapa de Haggard, as minas de diamante são simultaneamente o lugar da sexualidade feminina (reprodução por gênero), a fonte do tesouro (produção econômica) e o lugar da disputa imperial (diferença racial). A fálca lasca de osso de Silvestre não é apenas a ferramenta da inseminação masculina e do poder patriarcal, mas também a insígnia da despossessão racial. Aqui, então, gênero não é só uma questão de sexualidade, mas também uma questão de subordinação do trabalho e pilhagem imperial; raça não é só uma questão de cor da pele, mas também

uma questão de força de trabalho, incubada pelo gênero. Apresso-me a acrescentar que não quero implicar que esses domínios são redutíveis ou idênticos entre si; em vez disso, existem em relações íntimas, recíprocas e contraditórias.

Uma afirmação central de *Couro imperial* é que imperialismo não é uma coisa que aconteceu em outro lugar — um fato desagradável da história exterior à identidade ocidental. Ao contrário, o imperialismo e a invenção da raça foram aspectos fundamentais da modernidade industrial ocidental. A invenção da raça nas metrópoles urbanas, que exploro com mais detalhes abaixo, tornou-se central não só para a auto-definição da classe média, mas também para o policiamento das “classes perigosas”: a classe trabalhadora, os irlandeses, os judeus, as prostitutas, as feministas, os *gays* e as lésbicas, os criminosos, a turba militante, e assim por diante. Ao mesmo tempo, o culto da domesticidade não foi simplesmente uma irrelevância trivial e passageira, propriamente pertencente ao reino privado e “natural” da família. Mais que isso, argumento que o culto da domesticidade foi uma dimensão crucial, ainda que oculta, das identidades, tanto a masculina quanto a feminina — por cambiantes e instáveis que fossem —, e elemento indispensável tanto do mercado industrial quanto da empresa imperial.

Não é preciso dizer que se poderia pensar já, agora, que os homens europeus foram os agentes mais diretos do império. E, no entanto, os teóricos do imperialismo e do pós-colonialismo só raramente se dedicaram a explorar a dinâmica de gênero do tema<sup>4</sup>. Ainda que fossem homens brancos os que comandavam os navios e portavam os rifles dos exércitos coloniais, e que eram donos e supervisores das minas e planta-

4. Nem mesmo o imensamente importante e influente *Orientalismo* de Edward Said explora o gênero como categoria constitutiva do imperialismo. Da mesma forma, a vasta e crucial história dos negros de Peter Fryer, *Staying Power*, é quase muda sobre as mulheres, assim como a valiosa análise da cultura popular negra de Paul Gilroy, *There Ain't No Black in the Union Jack*. Edward Said, *Orientalism* (Nova York: Vintage, 1978); Peter Fryer, *Staying Power: The History of Black People in Britain* (Londres: Pluto Press, 1984); Paul Gilroy, *There Ain't No Black in the Union Jack: The Cultural Politics of Race and Nation* (Londres: Hutchinson, 1987).